

Meu Lugar na UFRGS



ROCHELE ZADAVALLI/SECOM

Conforto em meio aos livros

“A sequência de verde, vermelho, amarelo, azul e branco preenche os olhos de quem entra na sala 105 do prédio do Instituto Latino-Americano em Estudos Avançados (ILEA), no Câmpus do Vale. Esse colorido da sala é composto pelas centenas de livros distribuídos em seis estantes organizadas por cor, as quais dividem o espaço com mesas de estudo e sofás. Aconchego, conforto e tranquilidade são as palavras usadas pelo estudante Vinicius Fernandes ao descrever o espaço, seu lugar favorito para passar o tempo livre enquanto está na Universidade. Carregando o nome de Sala de Convivência, o espaço foi criado com a proposta de ser um ambiente de estudo e descanso para os alunos que circulam pela sede do ILEA.

Vinicius, estudante do 3.º semestre de licenciatura em Letras – Português/Inglês, descobriu a sala ainda calouro, em uma palestra no ILEA que apresentava a Universidade aos novos alunos. “Esse foi meu primeiro contato com a Letras. Eu considero que foi aqui que a minha jornada na Universidade começou”, relembra. Desde então, a rotina tumultuada do aluno, que cursa oito cadeiras e integra o projeto *Idioma sem Fronteiras* – intensificada por ser morador de Canoas –, se torna mais fácil, tendo a Sala de Convivência para realizar as tarefas acadêmicas ou simplesmente para relaxar. “Eu passo muito tempo na Universidade; é onde estudo e trabalho. Então, aqui [na sala] eu me sinto em casa”, descreve.

Estudando, conversando ou relaxando, seja como for, sempre há alunos ocupando o espaço que permanece aberto à comunidade acadêmica durante manhã, tarde e noite. Em um primeiro momento, a sala lembra uma biblioteca. Os livros – que fazem parte do acervo do ILEA e contemplam as mais diversas temáticas – estão disponibilizados para consulta local como forma de auxílio ao

estudo dos alunos. Entretanto, ao contrário de uma biblioteca, em que os momentos de leitura e estudo são individuais e o silêncio é um hábito, na Sala de Convivência os alunos podem conversar, discutir e interagir livremente em um estudo compartilhado, dando, assim, uma esfera mais descontraída ao local.

Para Vinicius, apaixonado por literatura, esse é um dos principais fatores que torna a sala o seu lugar na UFRGS: ela une seu gosto pelos livros com o conforto de um ambiente onde pode passar seu tempo. “Depois que eu entrei na Universidade, comecei a reparar mais no valor que a gente tem que dar para as bibliotecas e para os espaços que a gente tem para estudar. Antes eu não frequentava bibliotecas e, grosso modo, não via o porquê de vir numa biblioteca se eu podia ficar em casa. Mas depois daqui, comecei a dar muito mais valor a esses espaços, e o ILEA acaba funcionando como uma alternativa para quando eu quero um espaço mais flexível do que uma biblioteca. Aqui a gente fica mais livre”, compara.

Embora suas aulas se dividam entre o Instituto de Letras e a Faculdade de Educação, Vinicius se faz presente na sala do ILEA quase diariamente, entre uma aula e outra, após o almoço e, principalmente, nas tardes de terça e quinta-feira, quando aproveita para estudar, já que, segundo ele, estudando na sala sua produtividade é maior do que em casa. O estudante acrescenta que o espaço se faz ainda mais importante nos finais de semestre, quando a necessidade de um descanso é maior. “Eu me permito ficar um tempo aqui pensando com mais calma nas coisas que tenho para fazer. Acho que esta é a função da Sala de Convivência do ILEA: ser um lugar aconchegante”, conclui.

Isabel Linck Gomes,
estudante do 5.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

A mãe da Reciclilda

Fernanda da Costa

Moradora de um bairro simples durante a infância, Isabel Cristiane Nepomuceno Carvalho, 49 anos, começou a alfabetizar por vontade de ajudar os outros. Quando ainda estava no colégio, transformou a paixão pelo estudo e pelos livros em um trabalho voluntário: passou a reunir os vizinhos mais novos para ensiná-los o bê-a-bá. “À época, eu ainda usava o Método da Abelhinha, o método fônico, juntando consoante com vogal. Depois, essa coisa de ajudar um e outro foi crescendo e acabei dando até aula particular”, lembra a atual servidora da creche da UFRGS, criadora de um reconhecido projeto de educação ambiental.

A experiência com os vizinhos cativou tanto Isabel que ela escolheu cursar Pedagogia. Enquanto fazia faculdade, também trabalhava em uma creche e como cuidadora de bebês, com os três turnos ocupados. “Era uma correria, mas era muito gostoso”, conta sorrindo. Em 1994, foi aprovada no concurso para a creche da UFRGS, onde segue há 25 anos. “É o meu local, representa a melhor parte da minha vida. Tanto que, quando surgiram aqueles rumores de que iria fechar, eu fiquei em depressão. Eu nasci para a creche”, desabafa.

Foi trabalhando no local que ela criou os dois filhos, hoje com 19 e 10 anos, ambos ex-alunos da creche. “Eu tive o privilégio de ver os dois estudarem aqui e saírem semialfabetizados com seis anos”, relata orgulhosa. Por conta da maternidade, a professora se viu forçada a abandonar a faculdade, voltando apenas em 2013. “Con-

segui me formar na Uniasselvi a distância em 2016. Foi muito importante para legitimar o meu trabalho”, conta Isabel.

Professora coruja, exibe com carinho um grupo de Whatsapp que integra junto com outras docentes e ex-estudantes. Faz questão de mostrar, um a um, como os pupilos seguiram nos estudos. “A educação infantil é uma sementinha que afeta toda a maturidade. Então, quando sê que a maturidade deu certo, dá aquele orgulho. Tenho até um ex-aluno que hoje é piloto. Quando eu voar com ele, disse que vai chamar meu nome no microfone. Aí eu morro né, imagina ele dizer que a profe está no avião? Vai ser muito emocionante”, entusiasma-se.

Nas horas vagas, a professora diz que adora encontrar ex-estudantes, o que acontece com frequência em parques ou supermercados. “Conversei com uma ex-aluna na Redenção que estava formada em Turismo e cursando Psicologia. Fiquei superorgulhosa. Ano retrasado, outra me trouxe um convite para a formatura dela em Fisioterapia. Tu não tens noção do prazer que é trabalhar aqui.”

Depois de ter sido professora de crianças de todas as idades da Educação Infantil, hoje Isabel leciona para uma turma de nove alunos de três anos. “Já dei aula para o filho de um ex-aluno, me considero uma “vóssora”. A infância é a melhor parte da vida, a que mais precisa ser respeitada e preservada. Representa a alegria e o brincar, trabalhar com isso é tudo”, relata.

Apesar de receber carinho dos

pequenos, Isabel conta que, com os adultos, não é sempre assim. “Teve um episódio que nos magoou muito, quando um pai não quis acordar cedo para levar o filho à festa de Dia dos Pais. Foi uma decepção. Não estávamos fazendo aquilo por obrigação, mas por amor.”

Além de trabalhar com a infância, outra paixão de Isabel é a preservação ambiental. Para levar o tema à creche, em 2015, ela criou o projeto Guardiões da Natureza, que tinha o objetivo de ensinar às crianças os “três Rs”: reduzir, reutilizar e reciclar. Durante a iniciativa, os alunos foram divididos conforme os elementos terra, água, fogo e ar para serem os defensores do Planeta e criarem a super-heroína Reciclilda. “Como eles adoram super-heróis, ela servia para ampliar o projeto às famílias. Era levada para as casas e tinha um diário, o que fazia com que os pais também participassem. Com os adultos, é muito mais difícil ensinar a separar lixo, por exemplo”, explica Isabel.

Xodó da professora, a iniciativa foi apresentada no Salão de Extensão da UFRGS. “Mostrei para a banca a importância de trabalhar educação ambiental com as crianças, que são muito mais abertas, e ganhei destaque”, conta Isabel. Quando a encontram na rua, alguns alunos que participaram do projeto a chamam de “professora dos Guardiões da Natureza”. “Não se lembram do meu nome, mas lembram da atividade, o que já me deixa muito feliz. O projeto durou um ano: deu muito certo, mas acabou durante transições internas. Agora, quero retomar.”



ROCHELE ZADAVALLI/SECOM